Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

DIREITOS HUMANOS

A três séculos da igualdade de gênero

Segundo o secretário-geral da ONU, considerando cenário atual, esse é o tempo que levará até uma paridade efetiva entre homens e mulheres na sociedade. António Guterres assinala que conflitos e mesmo a pandemia da covid-19 minam conquistas

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, fez ontem, antevéspera do Dia Internacional da Mulher, um alerta preocupante. Segundo ele, numa análise do cenário mundial, serão necessários três séculos para alcançar a igualdade de gênero no mundo. "Avanços obtidos em décadas estão evaporando diante de nossos olhos", advertiu o diplomata português na abertura de uma reunião da Comissão sobre a Situação da Mulher da ONU focada na brecha tecnológica entre os gêneros.

"No ritmo atual, a ONU Mulher prevê que serão necessários 300 anos (para a paridade)", destacou Guterres, após lembrar da situação no Afeganistão, onde mulheres e meninas têm sido "apagadas da vida pública". O chefe das Nações Unidas assinalou também que os direitos reprodutivos e sexuais da mulher em muitas partes estão "em retrocesso".

Guterres indicou ainda que a pandemia de covid-19 e conflitos armados — como a invasão da Ucrânia pela Rússia e os combates na região africana do Sahel — atingiram e seguem afetando "em primeiro lugar" as pessoas do sexo feminino. Mesmo em países que não estão em guerra, observou, os riscos de sequestros e ataques, inclusive pela polícia, são especialmente mais frequentes para mulheres.

AFP



Totalmente cobertas, afegãs esperam abertura de padaria em Cabul: "apagadas da vida pública" após a volta dos radicais ao poder

> **Avanços obtidos em décadas estão evaporando diante de nossos olhos"**
>
> ***António Guterres,***
> *secretário-geral das Nações Unidas*

Misoginia

"O patriarcado contra-ataca, mas responderemos", afirmou Guterres, assegurando que a ONU "permanece ao lado das mulheres e meninas de todo o mundo". Ele também denunciou movimentações no mundo virtual para desqualificar mulheres. "A desinformação misógina e as mentiras nas redes sociais têm o objetivo de silenciar as mulheres e obrigá-las a sair da vida pública", opinou.

"As histórias podem ser falsas, mas o dano é muito real", apontou, ao fazer um apelo pela mudança dos "marcos internacionais, que não estão adaptados às necessidades e aspirações das mulheres e meninas". E acrescentou que há países que são "contra a inclusão da perspectiva de gênero em negociações multilaterais".

Especificamente sobre o tema da reunião, Guterres frisou que promover as contribuições da mulher na ciência, tecnologia e inovação "não é um ato de caridade ou um favor". Com seu acesso a serviços médicos on-line, bancos e recursos financeiros, plataformas digitais seguras e à tecnologia em geral, os benefícios, de acordo com ele, "são para todos".

"Sem a perspicácia e a criatividade de metade do mundo, a ciência e a tecnologia realizarão apenas metade de seu potencial", enfatizou Guterres. Ele estimou que das 3 bilhões de pessoas ainda não conectadas à internet, a maioria é de mulheres e meninas em países em desenvolvimento.

Mercado de trabalho

Além das advertências de Guterres, outro importante alerta foi dado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), segundo a qual as mulheres enfrentam muito mais dificuldades no acesso ao mercado laboral resultado dessa análise projeta "um panorama muito mais sombrio da situação das mulheres no mundo do trabalho do que a taxa de desemprego mais comumente usada", considera a organização.

"Os novos dados mostram que as mulheres continuam tendo muito mais dificuldades para encontrar trabalho do que os homens", aponta a agência. Segundo dados da OIT, 15% das mulheres em idade ativa no mundo gostariam de ter um emprego, mas não têm, contra 10,5% dos homens.

Em contraste, as taxas oficiais de desemprego para homens e mulheres são muito parecidas. Isso se deve, segundo a agência, ao fato de que os critérios usados para determinar se alguém deve ser considerado oficialmente desempregado tendem a excluir de forma desproporcional as mulheres.

O acesso ao mercado não é o único problema. A OIT observou que as mulheres tendem a estar super-representadas em alguns empregos vulneráveis, inclusive em negócios familiares. "Essa vulnerabilidade, junto a índices de emprego mais baixos, tem impacto sobre as rendas das mulheres." Segundo as estimativas, "a nível mundial, para cada dólar de renda do trabalho ganho pelos homens, as mulheres ganham apenas 51 centavos".

Talibã anula divórcios

Com uma interpretação rigorosa do islã, o Talibã adotou restrições severas contra as mulheres desde que retomou o comando no Afeganistão, implementando o que a Organização das Nações Unidas (ONU) chamou de "apartheid de gênero". A discriminação ocorre em todas as áreas, dos estudos ao trabalho, passando pela inexistente vida social. Às vésperas do Dia Internacional das Mulheres, aumentam os relatos de anulação de divórcios, que, de certa forma, foram mais aceitos no período em que os extremistas ficaram longe do poder.

A violência doméstica no Afeganistão é endêmica. De acordo com a ONU, nove em cada 10 afegãs sofrerão violência física, sexual ou psicológica por parte de seus companheiros. O divórcio, no entanto, geralmente é mais tabu do que os abusos e a sociedade é impiedosa com as mulheres que deixam seus maridos.

Com o governo anterior, as taxas de divórcio aumentavam paulatinamente em algumas cidades, onde os poucos progressos nos direitos femininos se limitavam à educação e aos empregos.

Sem esclarecimentos, as mulheres atribuíam todos os abusos que aconteciam com elas ao destino, destaca Nazifa, uma advogada que trabalhou com sucesso em quase 100 casos de divórcio de mulheres abusadas, mas que não tem mais permissão para trabalhar no Afeganistão governado pelo Talibã.

À medida que a conscientização aumentava, elas perceberam que o divórcio era algo possível. "Quando não há mais harmonia no relacionamento entre marido e mulher, até o Islã permite o divórcio", explica Nazifa, que não revelou o sobrenome, à agência de notícias France Presse.

Outra advogada, que pediu anonimato, foi testemunha recentemente de uma audiência na qual uma mulher lutava contra a reunificação forçada com o ex-marido.

A advogada explicou que os divórcios no governo Talibã são permitidos apenas quando o marido é classificado como viciado em drogas ou quando deixou o país. "Mas em casos de violência doméstica ou quando um marido não aceita o divórcio, o tribunal não os concede", disse à AFP.

Fuga

Aterrorizada durante anos por um ex-marido que quebrou todos os seus dentes, Marwa vive escondida com os oito filhos desde que os comandantes talibãs anularam seu divórcio e a obrigaram a retornar ao casamento. O marido alegou que havia sido forçado a aceitar a separação e as novas autoridades ordenaram que ela voltasse para a casa dele. "Minhas filhas e eu choramos muito naquele dia. Eu disse: 'Oh Deus, o diabo voltou'", disse à AFP a mulher de 40 anos, cujo nome foi alterado por razões de segurança.

Obrigada a reatar o relacionamento, Marwa suportou uma nova jornada de espancamentos, trancada em casa com mãos e os dedos quebrados. "Havia dias em que eu estava inconsciente e minhas filhas me alimentavam", lembra. "Ele puxava meu cabelo com tanta força que fiquei parcialmente careca. Ele me batia tanto que quebrou todos os meus dentes."

O suplício durou meses até que ela reuniu coragem e fugiu para a casa de um parente a centenas de quilômetros de distância, com as seis filhas e os dois filhos, que adotaram nomes fictícios. "Meus filhos dizem: 'Mãe, tudo bem se passarmos fome. Pelo menos nos livramos dos abusos'", disse Marwa, sentada no chão rachado de sua casa parcialmente vazia. "Ninguém nos conhece aqui, nem mesmo nossos vizinhos", acrescenta.

Um dirigente talibã declarou à AFP que as autoridades, se provocadas, examinariam os casos em que mulheres previamente divorciadas são obrigadas a retornar para os ex-maridos. "Se recebermos esse tipo de denúncias, vamos investigá-las de acordo com a sharia (a lei islâmica", disse Inayatullah, porta-voz da Suprema Corte do Talibã que, como muitos afegãos, tem apenas um nome.

AFP



Marwa (nome fictício) sofreu com abusos: dentes quebrados

Perguntado se o regime Talibã reconhecerá os divórcios aprovados nos governos anteriores, ele afirmou que "é um tema importante e complexo". "A 'Dar al Ifta' está analisando. Quando tiver uma decisão, nós veremos", disse em referência a uma instituição vinculada aos tribunais que emite seus veredictos com base na legislação.